

A BIBLIOTECA COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO: UMA PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA COM A LEITURA DE CRÔNICAS.

Déborah Correia Nunes Lucena
Universidade Estadual da Paraíba deborahh27@hotmail.com

O trabalho tem como objetivo, por um lado, problematizar, nas práticas escolares de leitura literária, o não uso da biblioteca; por outro, construir propostas para a formação do leitor a partir de práticas pedagógicas centradas no uso efetivo desse espaço. É sabido que o estudante de nosso país tem pouco contato com os livros de literatura. Embora, para alguns brasileiros, a escola signifique ter acesso à leitura, o ensino de literatura não tem alcançado plenamente seus objetivos essenciais: despertar o gosto pela leitura e formar alunos leitores, sujeitos autônomos e capazes de fazerem suas próprias escolhas literárias. Isso aponta para a necessidade de se redefinir o papel do ensino de literatura na disciplina de língua portuguesa, bem como discutir a falta de acesso ao acervo e o uso das bibliotecas escolares pelos alunos. Sobre essa última discussão, foi necessário acompanharmos o cotidiano de uma escola estadual da cidade de Campina Grande, observando, durante um ano e meio, o trabalho feito com a leitura literária orientado pelos docentes nesta escola. Ficou evidente que não havia incentivos à leitura por parte da escola; a biblioteca, apesar de possuir um acervo rico, funcionava como um depósito de livros trancados em estantes de aço, e apenas os livros didáticos estavam ao alcance dos frequentadores. Contrapondo-nos às práticas observadas, finalizamos o artigo com uma proposta de trabalho com a leitura literária, utilizando a biblioteca como espaço indispensável para o incentivo e a formação de leitores. Elegi trabalhar com o gênero Crônica por se tratar de um gênero leve, que oferece um contato mais direto com o leitor.

Palavras-Chave: Leitor Literário, Ensino de Literatura, Biblioteca escolar, Gênero Crônica.

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, apesar de o estudo de literatura ter novos objetivos, o interesse de focalizar as obras por um viés utilitário e reprodutivo não mudou: antes, a abordagem do literário servia para formar nacionalistas e defensores da ordem e dos valores morais; hoje, não raro, serve como meio para passar no vestibular, para aprender gramática ou conhecer certo contexto histórico.

Por outro lado, a escassez de práticas de leituras literárias na escola faz com que os alunos sintam, a cada dia, mais dificuldade de lidar com a literatura como objeto artístico, sendo a abordagem literária imposta, muitas vezes, apenas para a obtenção de notas e para o ingresso na universidade. Quando os professores não são leitores, eles, nem sempre, incentivam a leitura entre seus alunos, prejudicando, assim, a frequência das visitas à biblioteca, tornando esse espaço pouco visitado pelos alunos e visto por eles como um lugar de aborrecimento e de castigo. Vários são os fatores que contribuem para a resistência dos alunos em relação à leitura literária e para o descaso em relação

ao ensino de literatura e à biblioteca escolar, o fato de o professor não ser leitor é apenas um deles, mas, talvez, este seja o maior problema.

É fundamental que a leitura literária seja abordada na escola, tendo como meta a compreensão do texto e a promoção da experiência literária pelo leitor. Contudo, não é essa a realidade vivenciada pelos alunos, uma vez que a literatura é abordada por meio de esquemas, resumos, roteiros prontos com intenção de contemplar conteúdos para o vestibular.

Através de observações, durante o período de dezoito meses, sobre as práticas de leitura desenvolvidas em uma escola estadual da cidade de Campina Grande, pôde-se observar a falta de interesse com a leitura, tanto do corpo docente quanto da escola em geral, desencadeando o não uso do acervo de livros que a instituição possuía. Também fora observado a falta de interesse dos alunos pela leitura literária, uma vez que eles não tinham acesso à biblioteca escolar. Diante disso, o trabalho reflete sobre as práticas escolares de leitura literária, enfatizando o não uso da biblioteca. Por fim, o texto apresenta uma proposta de trabalho com a leitura literária, como fim de que o espaço destinado à biblioteca fosse efetivamente usado pelos alunos.

Muitos são os objetivos da proposta de trabalho. Contudo, alguns merecem destaque. São eles: Compreender a funcionalidade da crônica na sociedade, despertando o interesse dos alunos pela leitura; traçar condições para que os alunos construam uma nova visão de mundo, quebrando as paredes culturais em que eles estão inseridos; prover atividades para o uso efetivo do espaço da biblioteca escolar, aprimorando a competência de leitura e interpretação de textos; desenvolver a escrita e a oralidade; construir leitores que despertem o gosto pela leitura e que saibam escolher seus próprios textos; aprimorar a argumentação através de debates; compreender as semelhanças e diferenças existentes entre os diversos meios culturais.

2. LEITURA LITERÁRIA: UM DIREITO DE TODOS

Até pouco tempo atrás, a literatura gozava de *status* privilegiado em relação às outras disciplinas e, de tão valorizada, chegou a ser tomada como sinal distintivo de cultura. Embora os textos literários muitas vezes servissem como objeto de culto do “bem escrever”, ou como um suporte para análises sintáticas e morfológicas, o valor da literatura era inquestionável (OCEM, 2006). Entretanto, lamentavelmente, a literatura hoje em dia tem sido vista por muitos como uma disciplina sem muita importância, e que deveria, inclusive, ser abolida da escola.

Para as OCEM (2006), o texto literário tem como uma de suas marcas principais a transgressão. A literatura serve como um grande agenciador do amadurecimento sensível do aluno, pois, através da leitura de textos ficcionais, os alunos podem penetrar nos problemas reais da vida, partindo para um exercício de reflexão sobre os problemas que existem na sociedade, pois “a literatura é plena de saberes sobre o homem e o mundo” (COSSON, 2006, p. 16).

Através dessa experiência literária, onde se é permitido saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência, o leitor torna-se um ser mais crítico, humanizado e mais consciente do seu papel como sujeito histórico. Diferentemente do que acontece com os textos não literários, que oferecem ao leitor, geralmente, informações imediatas e restritivas, deixando pouca margem para outras interpretações, os textos literários são considerados por excelência textos polissêmicos, revelando-se ao leitor como um campo de liberdade, permitindo sempre mais de uma interpretação, pois cada leitor reage de forma diferente a um mesmo texto. Para Borges *apud* OCEM (2006, p.65):

Fechado, um livro é literal e geometricamente um volume, uma coisa entre outras. Quando um livro é aberto e se encontra com seu leitor, então ocorre o fato estético. Deve-se acrescentar que um mesmo livro muda em relação a um mesmo leitor, já que mudamos tanto.

Apesar de o texto literário ser polifônico, a este não se pode impor qualquer leitura e o professor deve agir como um mediador das muitas possibilidades de interpretação do texto, pois, segundo Umberto Eco (*apud* OCEM, 2006), deve existir um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade de interpretação, não se podendo aceitar toda e qualquer leitura.

Apesar de a literatura ser importante na formação do homem (CANDIDO, 1995), além de ser fundamental para o desenvolvimento crítico do indivíduo, a escola não vem cumprindo sua função de construir condições para formar leitores literários proficientes, já que em boa parte das escolas é feito um trabalho pouco centrado na leitura de textos literários, privilegiando o ensino de gramática, questões históricas e o estudo das formas literárias.

Esta abordagem compromete a perspectiva que vê a leitura literária como peça fundamental para o desenvolvimento crítico do indivíduo. Todavia, a literatura promove esse desenvolvimento de um modo peculiar, pois não o faz ensinando deliberadamente ou oferecendo uma verdade única, conforme afirma Antonio Candido (1995).

4. PERSPECTIVAS TEÓRICAS PARA O TRABALHO COM A LITERATURA NA ESCOLA

Segundo Bordini e Aguiar (1993), para que a escola constitua um ensino eficaz da leitura da obra literária, é preciso que ela cumpra com alguns requisitos, como prover de uma biblioteca que ofereça uma área de literatura bem aparelhada, com bibliotecários que promovam a leitura das obras, projetos voltados ao incentivo da leitura literária, e, o mais importante, professores leitores com uma boa fundamentação teórica e metodológica: “Além de mediador de leitura, portanto leitor especializado, também se requer do professor um conhecimento mais especializado, no âmbito da teoria literária” (OCEM, 2006, p. 75).

A palavra *estímulo* tem sido um termo constantemente presente nos discursos educativos. Cabe à escola incentivar a leitura e formar leitores críticos, mas devido ao fato desse objetivo não vir obtendo o êxito esperado, têm aparecido diferentes hipóteses para justificar esse “fracasso”.

“A prática escolar em relação à leitura literária tem sido a de desconsiderar a leitura propriamente e privilegiar atividades de *metaleitura*” (OCEM, 2008, p.70). A respeito disso, Helder Pinheiro (2012) afirma que a *metaleitura* vem junto com a leitura, ou seja, a ação de compreender o texto exige conhecimentos específicos dados pela *metaleitura*, mas infelizmente não é o que vem acontecendo no âmbito das aulas de literatura. Os livros didáticos priorizam o ensino de estilos de época e sua ordem cronológica, em vez de se deterem nos textos literários, fazendo, assim, com que os alunos reflitam sobre os acontecimentos presentes na história, incentivando-os a compartilharem suas impressões de leitura com os seus colegas e o professor.

Quanto à avaliação, segundo Cosson (2006), ela serve para que o professor compreenda os avanços e as dificuldades que os alunos apresentam, para poder ajudá-los, ampliando seus conhecimentos e os fazendo superar suas dificuldades. Nesse processo, o professor deve acompanhar, através de algum registro feito pelo aluno, o desenvolvimento da leitura e interpretação, a fim de que o oriente e busque corrigir o que não deu certo na formação do leitor proficiente.

Segundo as OCEM (2006), deve-se privilegiar no ensino médio a Literatura brasileira, mas não apenas as obras da tradição literária, pois é preciso incluir no currículo obras contemporâneas, assim como obras de outras nacionalidades, quando necessário. Também é desejável que se adote uma perspectiva multicultural, em que a Literatura obtenha a parceria de outras áreas do conhecimento, sobretudo as artes plásticas e o cinema.

Mostrar aos alunos os diálogos existentes entre os textos literários e as diferentes manifestações artísticas gera uma valorização da literatura, que deixa de ser um conjunto de

palavras mortas e passa a ser um importante agente no desenvolvimento de cidadãos realmente ativos na sociedade, além de oferecer fruição e conhecimento.

Também é preciso que o professor, ao escolher os textos a serem lidos por seus alunos, leve em conta a faixa etária e o contexto em que estes estão inseridos, pois, para que o aluno desfrute de uma experiência literária prazerosa, ele deve se sentir representado nos textos que lê para poder atribuir sentidos à sua leitura. Para Jouve (2002, p. 138), “Se a leitura tem impacto no leitor, é porque ela relaciona o universo do sujeito com o do texto. O leitor, ao reagir positiva ou negativamente a essa experiência, sai dela inevitavelmente transformado”.

Bordini e Aguiar (1988) defendem o método recepcional, elaborado por teóricos alemães da Escola de Constança. Esse método, segundo as autoras, ainda é estranho às escolas brasileiras, que não demonstram preocupação com o ponto de vista do leitor. O método recepcional entende o processo da leitura como uma interação entre autor e leitor, pois, devido ao vazio deixado no texto através do que foi silenciado, o leitor é forçado a preenchê-lo, interferindo de forma criativa no texto, e, assim, dialogando com ele. Cinco são as etapas que constituem o método recepcional: *determinação do horizonte expectativas; atendimento do horizonte de expectativas; ruptura do horizonte de expectativas; questionamento do horizonte de expectativas e ampliação do horizonte de expectativas.*

A primeira etapa é a chamada *determinação do horizonte de expectativas*, que consiste no levantamento feito pelo professor em relação às preferências dos seus alunos, os valores por eles defendidos, e seus interesses na área de literatura, com o fim de planejar estratégias que consigam romper com o horizonte de expectativa dos mesmos.

A segunda etapa, denominada de *atendimento do horizonte de expectativas*, tem como proposta satisfazer a necessidade dos alunos através da experiência com textos literários que agradam ou que correspondem à expectativa deles, visto que anteriormente foi feito pelo professor um levantamento de suas preferências a respeito da literatura.

A próxima etapa é a de *ruptura do horizonte de expectativas*, que defende a introdução de textos que rompam com o que o aluno esperava ou já estava acostumado, tanto em relação a textos literários como relacionado à vivência cultural. A intenção é a de que o aluno perceba que está sendo introduzido em um ambiente desconhecido, mas sem se sentir inseguro e com isso acabar rejeitando a nova experiência.

A quarta etapa, a de *questionamento do horizonte de expectativa*, é resultado da experiência com a etapa anterior. Os próprios alunos devem reconhecer que alguns textos exigem um nível

maior de reflexão, e perceber que compreender alguns dos sentidos existentes nesses textos traz um grau de satisfação. Espera-se, portanto, que o leitor passe a admirar esse tipo de texto considerado “mais difícil”.

Por fim, a quinta e última etapa do método recepcional é a *ampliação do horizonte de expectativas*. Neste momento, o professor deve levar os alunos a perceber que a leitura não consiste apenas em uma atividade escolar, mas em uma atividade que lhes proporciona uma visão crítica do mundo. Assim, mais exigentes, os alunos irão buscar novos textos que atendam às suas expectativas, que foram ampliadas através da leitura.

Sendo assim, embora saibamos que não existe nenhum modelo pronto a ser seguido e que possa ser aplicado de forma única em todas as escolas, podemos tomar o método recepcional como um bom parâmetro para o planejamento da leitura literária. Através dele, pode ser possível construirmos uma proposta de trabalho comprometida com a formação de leitores na escola, constituindo, nesse processo, cidadãos conscientes e críticos de seu papel na sociedade.

METODOLOGIA

O trabalho foi inspirado em metodologias diferentes das que os alunos estão habituados em sala de aula, fazendo uso de um projeto de leitura que tem a crônica como objeto de leitura e estudo, a partir do cotidiano do aluno. De modo geral, serão incluídas atividades de leitura e discussão coletiva, a fim de desenvolver a capacidade intelectual dos alunos, através da fruição da leitura de textos literários, bem como debates, músicas, dramatizações entre outros.

Estratégias de leitura serão empregadas no momento em que os educandos forem ler os textos. Isso evitará que a leitura se torne enfadonha e demorada, principalmente, porque boa parte deles não está acostumada a este tipo de leitura no ensino regular. Faremos com que os estudantes constatem que uma obra literária guarda relações com o contexto social em que foi criada, podendo retratar, concordar e/ou criticar a sociedade.

Os alunos precisam de estímulo à participação, por isso, serão instigados a falar nas discussões, a exporem sua opinião com bons argumentos, e a refletirem e criticarem, negativo ou positivamente, os acontecimentos e fatos que os cercam.

Os alunos serão levados a investigar manifestações com as quais tenham o mínimo de contato, a partir de um trabalho “lúdico” com o texto literário. Para isso, é preciso, primeiramente, colocar os alunos em contato com as obras. No entanto, é evidente que está cada vez mais difícil

atrair a atenção do jovem para a leitura fora do virtual, como também desenvolver e manter o hábito e o prazer da leitura. Para tanto, se faz necessária a produção de projetos eficazes que atraiam os discentes pela leitura não só na juventude, mas que esse interesse perdure até a fase adulta. Finalizados esses apontamentos, será apresentado, a partir de agora, o nosso projeto.

A escolha do tema veio da necessidade em trabalhar leitura de textos curtos com linguagem mais próxima da oralidade, objetivando melhor compreensão por parte dos leitores. Com este propósito, utilizaremos o gênero crônica, já que ele é tido como um texto leve e de linguagem mais simples para o leitor. Embora simples, a crônica é também reflexão, crítica e atribuição de valor às coisas, ao mundo.

O material utilizado como apoio nas atividades foi o acervo da biblioteca da escola, visto que, mesmo desatualizada, ela ainda era rica para fazer o trabalho.

As atividades serão desenvolvidas através de oficinas. Cada oficina corresponderá a duas aulas, sendo distribuídas da seguinte forma:

1ª Oficina: Reconhecendo a crônica.

- Leremos com a turma, duas crônicas, “O Lixo” e “ Grande Edgar” de Luiz Fernando Veríssimo, com o objetivo de os alunos, a partir da prática de leitura, se familiarizarem com essa espécie literária.
- Após a leitura e discussão dos textos, conversar com os alunos sobre “O que é uma crônica?”, “Este texto seria literatura ou apenas jornalismo?;

2ª e 3ª Oficina: Fazendo escolhas literárias próprias

- Os alunos ficarão livres para escolherem, entre o acervo da biblioteca, uma crônica do livro que preferirem. Irão lê-la e em seguida, durante a socialização, dirão à turma o título, o autor e em que livro estava a crônica selecionada. Também explicarão por que escolheram esse texto e o que dele entenderam.

4ª Oficina: Sabendo um pouco mais sobre crônica

- Apresentar, através de cópia xerocada, a crônica “Sobre a crônica” de Ivan Ângelo e discutir o porquê de o autor ter escrito este texto; levantar questões que façam os alunos refletirem sobre as seguintes questões:
 - O que seria uma crônica para o autor?
 - O que ele fala a respeito da mobilidade da crônica?
 - Que referência é feita a palavra “máscara” em relação ao gênero crônica no texto?

5ª Oficina: Leitura de crônicas humorísticas.

- Familiarizar o grupo com crônicas consagradas da literatura brasileira, disponibilizadas em livros do acervo da biblioteca: "O homem nu", de Fernando Sabino; "Cobrança" e “Contra a pirataria” de Moacyr Scliar; "O padeiro", de Rubem Braga e “A velha contrabandista”, de Stanislaw Ponte Preta. À luz da estética da recepção, considerando o perfil da turma, detectou-se que estas respondiam melhor ao gosto discente.
- Organizar a sala em grupo com 3 ou 4 alunos;
- Distribuir cópias das crônicas selecionadas. Cada grupo lerá uma crônica e um dos alunos será escolhido para ir à frente contar aos outros grupos o que leu. Em seguida, em forma de rodízio, fazer com que as crônicas selecionadas circulem por todos os grupos. Assim, todos os alunos terão o privilégio de conhecer o variado acervo de crônicas humorísticas.
- Ao ler as crônicas, o professor, junto com os alunos, localizará estes textos no livro onde estão dispostos, para que o aluno estabeleça possíveis relações da crônica com a obra integral, bem como se sinta estimulado à leitura do livro como um todo, tendo em vista que a curiosidade do discente pode ter sido despertada.

6ª Oficina: Leia se puder!

- Como forma de descontração e interação da turma, iniciaremos esta aula com a dinâmica: Leia se puder! Após isso, serão apresentados alguns slides sobre a relevância da arte da escrita e da arte presente na literatura. Em seguida, exibiremos o vídeo “Analfabeto aprende

a ler e escrever em três dias”, com o objetivo de motivar a turma, tendo em vista que o filme conta uma bela história de força de vontade e dedicação de um idoso que aprendeu a ler e escrever em três dias e que, por isso, se sente muito feliz, pois, segundo ele, nasceu novamente.

7ª Oficina: Leitura de crônicas críticas e reflexivas.

- Dar-se -á sequência com a leitura das crônicas, só que agora levaremos crônicas com viés mais reflexivo para romper com a expectativa temática e estética formulada com a experiência anterior; as crônicas serão: “Já li isso em algum lugar” de Moacyr Scliar; “O Nariz” e “Aí galera”, de Luís Fernando Veríssimo e “De quem são os meninos de rua”, de Marina Colasanti.
- Após o momento de interação com a leitura, haverá a socialização das temáticas, que giram em torno do amor, da sociedade, do lixo, de estereótipos, dos menores abandonados. Os textos serão lidos e interpretados pelos grupos.
- Dramatização dos textos lidos.

8ª Oficina: Crônica e música.

- Faremos a leitura e discussão das crônicas: “Ela”, de Luís Fernando Veríssimo; “Até quando?” e “Heróis será?” de Valéria Vanda Xavier Nunes.
- Ouviremos as músicas “A televisão”, do grupo Titãs; “Eu adoro minha televisão”, da banda Capital Inicial e “Ditadura da televisão”, da banda de reggae Ponto de equilíbrio.
- Objetivamos, com isso, estabelecer uma relação entre as crônicas e as músicas, considerando que elas apresentaram como temática o uso da televisão no contexto social.

9ª Oficina: Produção de crônicas pelos alunos.

- Cada aluno deverá produzir sua crônica a partir de eventos cotidianos que já tenha presenciado ou lido em algum jornal, revista etc.

10ª Oficina: Reescrever é preciso.

- Os alunos terão orientações para fazerem suas reescritas.

11ª Oficina: “Show de contação de Crônicas”

- O evento acontecerá no pátio da escola e será previamente divulgado;
- Será feita uma exposição oral dos textos produzidos pelos alunos;
- Cada um dos alunos terá a oportunidade de apresentar seu texto para toda a escola;

O projeto poderá ser aplicado em turmas de 9º ano ou 1º ano do Ensino Médio. As atividades serão desenvolvidas duas vezes por semana no período das aulas de língua portuguesa.

6. CONCLUSÕES

Para que a biblioteca escolar possa cumprir a sua função de integrar-se ao ensino numa escola, é preciso que o professor se utilize de metodologias inovadoras, uma vez que caberá a ele estabelecer uma ponte entre a biblioteca, a leitura e os alunos.

Ler é um processo complexo. Não se adquire o hábito de ler, ele é conquistado a cada dia. Sendo assim, é tarefa do professor promover e incentivar a leitura no cotidiano da sala de aula, e fora dela. Primeiramente, cabe ao professor ser leitor e mostrar em suas ações tal habilidade para os alunos, demonstrar o seu contato com os textos e a forma como a literatura modifica a vivência dos indivíduos. Portanto, tornar o ensino e a aprendizagem da literatura uma prática significativa é urgente e necessário, para tanto, temos que repensar seu conceito, seu valor e a sua função social. (COSSON. 2007, p.17)

Para efetivar um trabalho adequado com a literatura na escola, é importante a leitura de crônicas pelos alunos, pois, segundo Ferreira (2009, p.76), “para propiciar o alargamento do horizonte expectativas, faz-se necessário o uso de textos narrativos curtos, que podem ser lidos, analisados e discutidos em grupos em um pequeno espaço de tempo, durante uma atividade previamente elaborada.”

Pudemos perceber também a importância do trabalho da leitura literária e da biblioteca na formação do leitor através do projeto, visto que ele leva em conta algumas recomendações importantes como os apontamentos da estética da recepção, bem como o princípio da centralidade do texto na abordagem escolar da literária. Consistiu-se em um total de onze oficinas, as quais foram planejadas de forma dinâmica e pensadas à luz da estética da recepção. Além disso, tem-se todas as aulas planejadas no âmbito da biblioteca, para dar maior evidência ao uso efetivo deste espaço.

Enfim, existem várias possibilidades de inserir, na escola, atividades de leitura numa concepção mais global de inserção social, formando leitores que não só tenham o desejo de ampliar os saberes e informações proporcionados pela leitura, mas que também tenham prazer no ato de ler.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. Método recepcional. In: **Literatura – a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

_____. Formação do leitor. In: **Literatura – a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Conhecimentos de língua portuguesa. In: **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Ministério de Educação, 2006. p. 49-85.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

FERREIRA, Eliane A.G. Ribeiro. A leitura dialógica como elemento de articulação no interior de uma biblioteca vivida. In: SOUZA, Renata Junqueira. (org.) **Biblioteca escolar e práticas educativas**. Campinas-SP: Mercado das letras, 2009. p 69-96

JOUVE, Vicent. **A leitura**. São Paulo: UNESP, 2002.

LAJOLO, Marisa. **Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha**. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1999.

PINHEIRO, Hélder. A abordagem do poema na prática de ensino: reflexões e propostas. In: MENDES, Soélis T. do Prado e ROMANO, Aparecida B. (orgs.). **Práticas de língua e literatura no Ensino Médio: olhares diversos, múltiplas propostas**. Campina Grande: Bagagem, 2012. p. 85-116.

PROCÓPIO, E. Observando o acesso à leitura nas bibliotecas escolares. In: MATTES, Marlene e THEOBALD, Pedro (Orgs). **Ensino e cultura contemporânea**. Fortaleza: edições UFC, 2010. p.133-148.